



PAINEL  
DO  
UMBRAL

Minha alma ardendo em febre ante o espaço sombrio,  
Sob espessa ilusão tornara-se idiota.

4 Qual duende do horror, contornando o vazio,  
Ia e vinha a penar sem luz, sem paz, sem rota...

5 O ponteiro do tempo errava em desvario...  
6 E eis que horrendo tremor lambe a terra ignota...  
Na tortura do assombro, agoniado, espio  
A tormenta abismal na vastidão remota...

(\*) Tendo concluído, com 20 anos, o curso de Direito na Faculdade do Estado de S. Paulo, Félix de Bulhões ocupou diversos cargos na magistratura goiana, chegando a desembargador. Poeta, jornalista e político, fundou várias publicações, dentre outras, **Goiaz, Província de Goiaz** e **Tribuna Livre**, onde expunha as ideias de liberal e autêntico antiescravagista. «Muitas vezes» — di-lo o Dr. Jerônimo de Moraes, **Discurso...**, pág. 7 — «os seus períodos eram cortantes como o bisturi dos

Fogaréu a verter de sinistras montanhas...  
O fumo a espiralar mil sensações estranhas...  
11 Lagos de lodo e fel em lava incandescente...

.....  
12 Agora, mais feliz, sem que o verbo me exprima,  
13 Sei que do Umbral de angústia aos Páramos de Cima,  
14 Ninguém padece, dorme ou sonha eternamente!...

C A R M A

15 ...E estou preso à memória — horrendo pelourinho...  
E' o passado a bramir... Emoções e lugares...  
Ódio, aflição, amor... Insano torvelinho...  
Casam-se riso e pranto em sonhos e avatares.

19 O tempo — velho tempo —, o lúgubre adivinho,  
Revolve-me no ser as ânsias e os pesares...  
Acusa-me feroz e fere-me, escarninho,  
Atando-me aos grilhões de angústias invulgares.

cirurgiões, quando esvurmava as chagas sociais, ou se convertiam em látigos cruéis com que fustigava os adversários desleais...» (Goiás, 28 de Agosto de 1845 — Goiás, Est. de Goiás, 29 de Março de 1887.)

BIBLIOGRAFIA: Poesias.

4. Cf. nota nº 2, pág. 36.  
6. Suarabácti: "i-g-no-ta". Cf. nota 1, pág. 47.  
11. Aliteração em *l*.  
13. Antítese: Umbral — Páramos de Cima.  
14. Descrição magistral das paisagens umbralinas, que, segundo as instruções de Amigos Espirituais, começam na crosta terrena.  
15-19. Excelentes imagens: *memória*, *horrendo pelourinho* e *o tempo*, *lúgubre adivinho*. Cf. o soneto "A Vida Humana" (apud Veiga Netto, *Antologia Goiana*, pág. 179), 1º verso: "...é um mar que embala e que espedaça..."

Se guardo além da morte a máscara serena,  
Trago no coração a dor que me condena,  
25 Ante a sombra que fui, tangendo a vida a esmo.

A consciência exuma as transgressões remotas  
E o clarim do dever repete em largas notas:  
— Ninguém foge do mal que plantou por si mesmo.

TOBIAS BARRETO de Menezes \*



DEUS

E A

HUMANIDADE



— Pára! — repete a voz. — Espera! Aguça o ouvido!... —  
O homem prossegue, entanto, a passo turbulento...  
— Pára! Não sigas mais! Ouve! Sê comedido!... —  
Ele teima, rebelde, e vara a sombra e o vento...

— Pára! Detém-te, agora! Escuta, precavido!... —  
Desce a noite profunda e invade o firmamento...  
— Pára! Que já retumba o funesto alarido!... —  
8 E rosna o temporal pelo bulcão violento...

(\*) Chefe da chamada «Escola do Recife», o poeta condoreiro de Dias e Noites deixou uma obra vasta e imponente. Para Exupero Monteiro, da Academia Sergipana de Letras, «Tobias foi um poeta de grandezas e ternuras», salientando que «a dúvida religiosa foi uma das constantes da sua amargurada existência» (T. Barreto, pág. 30). Cultura polimórfica e profunda, escreveu sobre Filosofia, Direito, Literatura, Música, «abrindo novos caminhos à vida espiritual do País», no dizer de

25. Ler com hiato: *vi/da a/ es/mo.*